



A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Lucas Costa BRIZOLA¹
Ribamar NOGUEIRA-SILVA²

RESUMO

Tratando da formação continuada de professores, Freitas³(2007) aborda o papel da experiência profissional nesse processo. Partindo do entendimento do magistério como uma “profissão em crise”, em virtude da polêmica sobre a profissionalização ou não dessa área de atuação, o autor identifica que o marco legal e as consequentes políticas públicas de educação desenvolvidas a partir dos anos de 1990 no Brasil priorizaram a criação de programas de formação continuada, visando tanto a qualificação dos profissionais de ensino quanto os processos de aprendizagem. Ainda assim, esse discurso educacional na seria inédito na história brasileira, estando presente desde os anos 1920, sob influência dos chamados “Pioneiros da Educação”, no debate em torno da Escola Nova. Contudo, diferentemente, o debate que emergiu no final do século XX seria resultado não apenas de pressões progressistas da luta dos profissionais da área e dos movimentos sociais em geral, mas da racionalidade econômica que reivindicaria a eficiência do ensino público, haja vista as mudanças no cenário global. Esses dois eixos de pressão, então, determinam distintas concepções no papel e na natureza dos programas de formação continuada. Algumas propostas, por exemplo, sugerem que a formação continuada deve se organizar em torno dos saberes disciplinares (científicos) e dos saberes pedagógicos – na qual o professor é visto como agente transmissor de informações – e necessita suprir as deficiências da formação inicial. Outras trariam abordagens da formação continuada que priorizariam os treinamentos atitudinais, com o objetivo de modificar comportamentos e valores através de técnicas (exercícios e dinâmicas grupais) – buscando o modelo ideal de “bom professor” capaz de utilizar a criatividade na resolução de problemas escolares – que acabam excluindo a esfera dos saberes e do conteúdo na formação. Porém, observa o autor, ambas propostas de abordagem se omitem de considerar que a formação do professor é simetricamente invertida em relação à situação de seu exercício profissional, isto é, na condição de aluno o professor em formação não teria a mesma natureza da condição do discente na sala de aula. Desse modo, a formação não pode ser um “espelho” das práticas das salas de aula, infantilizando o professor. Diferentemente, o autor observa que uma formação continuada precisaria ocorrer na perspectiva de que o professor assuma a prática reflexiva da experiência vivida no âmbito escolar. O professor reflexivo, portanto, forma-se a si próprio, mediante uma reflexão compartilhada sobre o percurso pessoal e profissional. Nesse sentido, numa formação experiencial, a profissionalização decorreria do vínculo com as necessidades e situações vividas pelos professores no exercício da ação docente, condicionadas ao desenvolvimento profissional indissociável da própria trajetória biográfica, ou seja, da experiência de vida.

PALAVRAS-CHAVE: saber experiencial; docência; profissionalização; magistério.

¹ Acadêmico do curso de Educação Física da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. lucascostabrizola@alunos.fait.edu.br

² Docente do curso de Educação Física da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. ribamar@fait.edu.br

³ FREITAS, Alexandre Simão de. A questão da experiência na formação profissional dos professores. In: FERREIRA, Andrea Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. Orgs. **Formação continuada de professores** - 1 ed., 2 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.